

## O ÁLBUM DE FOTOGRAFIA NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FAMILIAR

Carla Raiane de Souza Rangel (UEA/BRASIL)<sup>92</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9671-2269>

Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto (UFAM/BRASIL)<sup>93</sup>

<https://orcid.org/0009-0000-3608-9551>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de memória familiar, utilizando os álbuns de fotografia como instrumento de análise. Para isso, utilizo a história de vida de Dona Terezinha, uma senhora que usa a fotografia como uma maneira de contar a sua história familiar. Os álbuns de Dona Terezinha não são convencionais, ela utiliza as fotografias como uma exposição pela casa. As fotos ficam expostas, para que todos possam ver, como uma espécie de museu aberto. A fotografia foi evoluindo na técnica e nos objetivos, ao longo do texto destaco essa transição. Utilizo Pollak (1992) e Halbwachs (1990) para discutir o conceito de memória, para conceituar a evolução das técnicas fotográficas utilizo Benjamin (1987), Sontag (2004). Para discutir a importância da fotografia dentro de um aspecto sociológico, apresentando a importância delas na vivência familiar, utilizo Bourdieu (1960, 1983).

**Palavras-chave:** álbum; fotografia; memória.

---

92. Graduada em filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas. Professora de Filosofia da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas. E-mail: [crdsr23@uea.edu.br](mailto:crdsr23@uea.edu.br)

93. Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor do programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: [erfpinto@gmail.com](mailto:erfpinto@gmail.com)

## **THE PHOTOGRAPHY ALBUM IN THE PRESERVATION OF FAMILY MEMORY**

### **ABSTRACT**

This article aims to discuss the concept of family memory, using photo albums as an analytical tool. To do so, I use the life story of Dona Terezinha, a lady who uses photography as a way to tell her family history. Dona Terezinha's albums aren't conventional; She uses the photographs as an exhibition around the house. The photos are displayed for everyone to see, like a kind of open museum. Photography has evolved in technique and objectives; throughout the text I highlight this transition. I use Pollak (1990) and Halbwachs (1992) to discuss the concept of memory; to conceptualize the evolution of photographic techniques, I use Benjamin (1987) and Sontag (2004). To discuss the importance of photography within a sociological aspect, presenting its importance in family life, I use Bourdieu (1960, 1983).

**Keywords:** album; photography; memory.

### **INTRODUÇÃO**

Quando eu era criança, frequentava a casa da minha avó todos os finais de semana. Minha avó costumava guardar vários álbuns com fotografias dos familiares e dos amigos. Quando eu deitava no chão para olhar as fotos presentes nos álbuns, tinha curiosidade em saber as narrativas presentes por trás de cada uma das fotos, quem eram as pessoas que eu não conhecia. Geralmente eram fotos tiradas em momento de união familiar: fotos de aniversários de alguns dos primos, batizados, casamentos, qualquer situação que proporcionasse um agrupamento familiar. Aliás, encontrei fotos individuais, aquelas usadas para documentações. Era uma maneira de guardar a lembrança de cada uma dessas pessoas.

Essas fotografias, eram guardadas em álbuns, geralmente ficavam dentro de uma gaveta, na sala. Era um lugar acessível, caso uma visita demorasse bastante tempo, as fotografias estavam ali, num lugar de fácil acesso para serem apresentadas. No entanto, elas não ficavam expostas na sala, para todos que entrassem na casa. Algumas fotos eleitas eram as que ficavam em destaque: foto dos filhos, aniversário de quinze anos das minhas tias, algumas fotos dos netos. Enfim, as fotos que eram consideradas mais importantes e significativas. Importantes por conta da técnica utilizada: não eram as fotos amadoras que ficavam expostas, mas as fotos que haviam uma técnica. A técnica, nesse sentido, era a figura do fotógrafo no registro dessas memórias.

O objetivo deste artigo é discutir o conceito de memória e fotografia, apresentando uma etnografia das memórias presentes nas fotografias da Dona Terezinha, o sujeito empírico presente dentro deste trabalho. A ideia central do texto é apresentar como a fotografia pode servir como um objeto de preservação da memória familiar, presente dentro dos álbuns fotográficos. Para isso, utilizo o conceito de memória, na perspectiva de Pollak e Halbwachs. E a fotografia na perspectiva de Walter Benjamin, Susan Sontag e Bourdieu.

## O PAPEL DA MEMÓRIA

A memória também é constituída por pessoas e lugares. Pode ser uma lembrança pessoal, mas pode não estar apoiada no tempo cronológico. Para Pollak (1992) existem três critérios para constituição da memória: acontecimentos, personagens e lugares. Que podem ser dados de maneira direta ou indireta, depende da relação estabelecida pela pessoa. Algumas memórias podem ser empiricamente fundadas, mas também podem ser parte de uma projeção do indivíduo.

Pollak distingue dois tipos de elementos constitutivos da memória individual ou coletiva. O primeiro são aqueles vividos pessoalmente. Onde o sujeito tem contato direto com o acontecimento, formando uma memória vivida. O segundo são os acontecimentos vividos por tabela. Ele chama de acontecimento vivido por tabela aquelas situações nas quais a pessoa nem sempre participou diretamente, mas o grupo de pertencimento sim. Por ter ouvido tantas vezes sobre o acontecimento, se torna difícil dizer se participou ou não.

Além disso, Pollak faz uma distinção entre relatos públicos e relatos privados. Os relatos públicos são memória familiar oculta. Enquanto que os relatos privados são a memória familiar predominante. Nesse sentido, os relatos públicos apresentarão as datas que são importantes para a vida pública, sem se preocupar com a vida familiar. Já os relatos privados serão construídos nas datas da vida familiar, que são mais íntimos. Como resultado disso, a memória é seletiva. “*Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado*” (Pollak, 1992, p.4). A memória é um fenômeno construído.

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (Pollak, 1992, p.4-5).

A memória tem uma ligação com a identidade e o sentimento de pertencimento. Ela é um elemento constituinte do sentimento de identidade e de pertencimento cultural à comunidade que aquela pessoa faz parte. A

memória é uma imagem de si e uma imagem do outro. Ela funciona como um elemento que constroi e reconstoi a identidade de um grupo social. É através da memória que a identidade social de um grupo estará sendo preservada, além de transmitida dentro daquele espaço de pertencimento.

Em *A memória coletiva*, Halbwachs (1990) afirma que o primeiro testemunho ao qual podemos recorrer sempre será o nosso. É como se na nossa mente houvesse um confronto de vários depoimentos: entre memórias e percepções antigas que se confrontam com percepções recentes. Essas percepções e memórias do passado, são significativas para reconstruir uma lembrança.

Nossa memória individual não está apoiada somente em percepções próprias, mas também nas experiências compartilhadas dentro de uma coletividade. Para Halbwachs, as memórias coletivas tem uma precisão maior, porque não se trata de um depoimento, mas de vários que podem confirmar uma experiência que foi vivida coletivamente.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, mesmo quando se trata de acontecimentos dos quais nós apenas participamos e objetos que nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos só. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p.26).

Nesse ponto de vista, não construímos memórias sozinhos, mas coletivamente. Nossas memórias estão associadas a pessoas que estiveram em determinado momento conosco construindo uma lembrança que poderá ser acessada, posteriormente, através de relatos ou a reconstituição através de pessoas ou objetos. O sentido da memória, nessa perspectiva, se dá por ser uma construção coletiva.

## **A FOTOGRAFIA E OS ÁLBUNS DE FAMÍLIA**

A fotografia, como produto cultural, passa por uma transformação social desde o seu surgimento até os dias de hoje. Walter Benjamin, em *Pequena História da Fotografia* (1987), discorre como a fotografia foi mal recepcionada no século XIX. O jornal chauvinista *Leipziger Anzeiger*, difundiu a ideia de que a fotografia era uma invenção diabólica, porque fotografar, seria fixar a imagem de Deus. E Deus não poderia ser fixado por um mecanismo humano. Somente Deus poderia tentar reproduzir os traços divinos e humanos das suas criaturas. Não necessariamente um artifício mecânico. Benjamin afirma que essa discussão levou uns cem anos, não resultando em nada, por conta do seu

próprio conteúdo. Mas ele toca no ponto de que a fotografia foi vista como uma técnica, quando o jornal destaca esse artifício mecânico. A pintura era a arte utilizada para retratar as pessoas de uma família. A fotografia surge como algo a ser descoberto. Depois de algumas gerações, as pinturas eram deixadas de lado, sendo lembradas somente pelo gênio artístico que fez a obra. Enquanto a fotografia era a representação da memória de quem esteve ali, que de fato é real.

Susan Sontag (2004), em *Sobre a Fotografia*, pontua que desde que o inventário foi criado, em 1839, tudo foi fotografado. A fotografia tem essa função de registrar aquilo que merece a nossa atenção, para uma observação mais atenta, com a finalidade de um registro fotográfico. A câmera seria o braço ideal da nossa consciência. No sentido de que ao fotografar, estaríamos nos apropriando daquilo que está sendo fotografado, estabelecendo uma relação entre o eu e o objeto. Ainda nessa perspectiva, Sontag afirma que a foto serve como um testemunho de algo que aconteceu no passado. E, caso seja necessário, esse documento pode servir como prova contundente daquilo que está sendo dito.

A fotografia adquire um papel social somente após a industrialização. Até 1840, quando as câmeras eram produzidas na Inglaterra e na França, somente os inventores e aficionados poderiam operá-la. Nesse período, ainda não existiam fotógrafos profissionais e sequer os amadores. As máquinas surgem como uma facilidade de capturar e registrar momentos, assumindo um papel facilitador em relação à própria pintura, que também fazia o registro de temas. A fotografia familiar, para Sontag (2004), não era praticada como uma arte. Mas como um rito social, uma forma de preservação dos momentos familiares. Com a fotografia, cada família cria uma narrativa imagética de si mesma. Simbolicamente, ela “se desenvolve para celebrar e reafirmar simbolicamente, a continuidade ameaçada e a decrescente amplitude da vida familiar” (Sontag, 2004, p.19).

Em *Gostos de Classes e Estilos de Vidas*, Bourdieu (1983) analisa como os gostos são construídos. Para isso, ele vai recorrer ao conceito de *habitus*, para definir como os agentes sociais constroem seu gosto dentro do espaço social, formando seu estilo de vida. O *habitus* é o elemento gerador das práticas sociais. Ele é o responsável pela diferenciação cultural do agente dentro da posição social que ele assume em sociedade. A forma como o sujeito é lido dentro de uma sociedade, faz com ele assuma a visão que o outro tem dele. Nesse sentido, ele assume a mentalidade da visão que é criada ou vista de si. A posição econômico-social, que um agente ocupa dentro do espaço social, vai refletir nas formas como ele escolhe seus gostos. A classe que está abaixo sempre desejou ter aquilo que está na classe mais elevada. Enquanto que a classe mais elevada achará banal aquilo que já tem. Conferindo, nesse sentido, o luxo e a necessidade.

A fotografia para as classes mais altas é vista como uma obra de arte, que deve ser analisada na finalidade da contemplação. Enquanto que para a classe mais baixa, a fotografia é vista como uma necessidade. A necessidade de guardar um registro fotográfico de um momento familiar, por exemplo. Mas não há esse elemento de valoração artístico que as classes mais elevadas atribuem. Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu em *O camponês e a fotografia* (1960), fazem um estudo do papel social da fotografia no Béarn. Bourdieu acompanha o pensamento de Sontag de que a fotografia surge como acompanhamento para as grandes cerimônias familiares e coletivas. A fotografia estaria associada às cerimônias, para eternizar os momentos que o coletivo passa junto.

No casamento, a fotografia tem como função eternizar a imagem da santificação da união dos dois grupos, que se tornam uma unidade. Para Bourdieu, as fotografias de casamento só se impuseram entre os camponeses, porque ela encontra meios de fixar sua existência. Os gastos e desperdícios fazem parte da festa, ninguém pode reclamar dos excessos, pois não é bem visto. Naquele contexto, os fotógrafos apareciam oferecendo os seus serviços. Ele registrava os momentos e andava com as fotografias oferecendo ao grupo. Comprar a foto grupal, era um tributo prestado aos donos da festa. Não comprar era um insulto à quem havia convidado. Poderia haver um fotógrafo amador, mas ele não poderia substituir o fotógrafo profissional.

Logo em seguida, surgem as fotos da primeira comunhão, que era uma oportunidade das mães registrarem as fotos dos seus filhos. Naquela sociedade camponesa, a criança era o centro das atenções. A mulher e a criança ganhavam destaque dentro da sociedade, devido a divisão do trabalho, pautada no gênero. Cabia à mulher o papel de manter as relações sociais, atualizando a família que estava longe sobre o crescimento dos filhos. A fotografia desempenha esse papel. Do mesmo modo que a criança era apresentada aos parentes no seu nascimento, enviar fotografias da criança servia como uma forma de apresentá-la ao grupo.

A fotografia deve representar uma leitura sociológica sobre as relações sociais. As fotos familiares representaram a relação afetiva estabelecida entre os graus de parentesco. Para os camponeses do Béarn, as fotos de paisagem, por exemplo, não eram interessantes para captura. Mas aquelas que estabelecem alguma relação entre os familiares, presentes nos ritos sociais.

Pensando sobre isso, conheci uma senhora que não usa os álbuns, mas tem todas as fotos de maneira acessível por toda sua casa. Ela frequenta a igreja dos meus pais, minha mãe sempre comentou o fato dela ter muitas fotos espalhadas em casa. Dona Terezinha, de setenta e sete anos, nasceu no município de Alvarães, interior do Amazonas. Ela não falou sobre os pais, mas disse que teve doze irmãos e onze filhos. Dos filhos, só estão vivos oito. Ela perdeu recentemente

uma filha para covid. Foi casada, mas se divorciou. Mas desse marido ela não fala, toca pouco no nome. Tem uma foto dele apenas. Teve um namorado, bem mais jovem. Esse rapaz tem várias fotos suas espalhadas ao longo da casa.

Ela não gosta de usar álbuns de fotografias fechados, porque ela gosta de ter acesso fácil para suas lembranças do passado, estampado em todas as paredes da casa. Dona Terezinha lembra que quando se separou, passou muito tempo “no mundo” (expressão que os evangélicos utilizam para falar que estavam fora da igreja). Nesse período, ela cantou, dançou e aproveitou muita coisa, tem fotos desses momentos. Mas ela acabou retornando, se batizou e hoje frequenta a igreja evangélica quadrangular. Em um dos seus retratos, ela mostra a foto do batismo. Dona Terezinha utiliza o celular para o registro fotográfico. Ela leva para um rapaz revelar e depois estampa nas suas paredes. Mas existem fotos mais antigas, que eram tiradas em câmera analógica. Ela diz que as fotos são suas lembranças, que ela gosta de olhar para lembrar do passado, para matar a saudade dos filhos que perdeu, dos netos que ganhou, dos filhos que estão longe.

As fotos que serão expostas abaixo, fazem parte da etnografia deste trabalho. No primeiro momento, ele serviu como obtenção de nota para a disciplina de Seminário de métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Humanas, ministrada pelo professor Dr. Alfredo Wagner. Todas as fotos foram tiradas por mim, em 2023, durante uma visita na casa da dona Terezinha. Todas as fotos tiveram a permissão, da mesma, para serem expostas nesse trabalho.

### Os álbuns de fotografia de Dona Terezinha:

**Figura 1:** Estante da sala da Dona Terezinha



Fonte: Carla Rangel. Manaus, 2023

Essa é a estante da sala da dona Terezinha, ela tem uma tv, mas o que mais chama atenção na estante são as fotografias dos familiares. Nessa estante tem foto da filha que ela perdeu para covid21, foto do irmão que mora em Tefé, foto da neta que ela ganhou recentemente, foto com uma das suas irmãs.

**Figura 2:** Dona Terezinha, em sua sala, posicionada entre suas fotografias no mural de papelão



Fonte: Carla Rangel. Manaus, 2023

Dona Terezinha gosta muito de tirar fotos para eternizar os momentos e depois apreciar a fotografia, perguntei se poderia tirar uma foto dela, em sua sala, próximo as suas fotos. Ela utiliza o papelão para colar as fotografias, como um mural e deixar estampada na sala visível a qualquer pessoa que vá visitá-la. Ela me mostrou a foto do irmão dela, que mora em Alvarães e tem noventa e um anos de idade. Ele já está esquecendo ela, afirmou. Em setembro ela vai viajar, para visitá-lo.

Abaixo algumas fotografias espalhadas ao longo da casa de Dona Terezinha. A pintura no corredor foi produzida pelo irmão que mora em Tefé. No corredor é possível ver imagens da casa que ela fica quando vai para Alvarães, a foto do batismo quando ela resolveu voltar para igreja, foto com o pastor da antiga igreja que frequentava,

Na última página de fotos, é a cozinha da casa. Lá fica a foto que ela tirou no dia que fez seus setenta e sete anos, a foto que ela está apontando. O álbum não convencional, feito em um papelão, mostra a vontade da preservação das memórias e o não esquecimento dos laços familiares.

**Figura 03:** O corredor da casa, com uma pintura presenteada pelo irmão



Fonte: Carla Rangel. Manaus, 2023

**Figura 4 e 5:** No corredor que liga a sala e a cozinha, algumas fotografias estão expostas, como se fosse um museu vivo. Dona Terezinha utiliza o papelão como recurso de álbum. É possível visualizar algumas fotografias como reuniões familiares, fotografia de netos enviada pelos filhos, fotos 3x4, de aniversário de 15 anos etc. Dentro do corredor haviam fotos individuais, mas que não estão sendo apresentados aqui



Fonte: Carla Rangel. Manaus, 2023

**Figura 6 e 7:** Dona Terezinha apresentando as fotografias expostas na sua cozinha.



Fonte: Carla Rangel. Manaus, 2023

## CONCLUSÃO

A memória desempenha um papel importante na construção de identidade e no sentido de pertencimento à cultura. Ela é um elemento importante na preservação de lembranças tanto individuais, quanto coletivas. Existem diversos meios de preservação da memória, que podem variar de documentos a registros. Com o surgimento da técnica fotográfica, a máquina fotográfica se torna uma aliada importante nos registros e preservação das memórias familiares. A fotografia torna-se um meio de registrar os rituais de passagem que são considerados como importantes para cada família: como os batizados, primeira comunhão, casamentos, aniversários, entre outros. Com a industrialização, a fotografia alcança as classes sociais, estabelecendo uma relação importante nos rituais familiares.

Os álbuns de fotografia são uma espécie de documento, onde ficam registrados os acontecimentos familiares. Dona Terezinha, como agente social desse trabalho, preserva suas memórias familiares no recurso fotográfico, mas não utiliza o álbum de maneira convencional: sua forma de preservar a memória é deixando as fotografias expostas pela casa. As fotografias ou estão emolduradas em quadro ou coladas no papelão, porque ela prefere olhar as imagens para lembrar. A lembrança, nesse sentido, como uma forma de contar as suas narrativas e preservar com saudosismo suas memórias familiares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Mágia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Gosto de Classes e Estilos de Vida*. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod\\_resource/content/1/Bourdieu\\_.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod_resource/content/1/Bourdieu_.pdf)> Acesso em: 30/07/2023.

BOURDIEU, Marie-Claire e Pierre. *O camponês e a fotografia*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/DLXCTWwm4RB4Zsb4LCkdPbw/abstract/?lang=pt>> Acesso em 30/07/2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.